

RESENHA DE LIVRO

THE SEX MYTH: THE GAP BETWEEN OUR FANTASIES AND REALITY

Laura Stoppa¹

HILLS, Rachel. *The Sex Myth: the gap between our fantasies and reality*. 1ª ed. Nova York: Simon & Schuster, 2015.

Qual a importância do sexo em sua vida? Essa é a questão que me acompanhou durante toda a leitura de *The Sex Myth: the gap between our fantasies and reality* ("O Mito Sexual: a lacuna entre nossas fantasias e a realidade", em tradução livre), escrito por Rachel Hills, jornalista australiana que vive em Nova York, ainda sem tradução no Brasil. Mais impactante que a atividade sexual em si é a dimensão e o valor que atribuímos a ela. Somos cercados por crenças e suposições que causam angústia, medo, vergonha e culpa. Há um abismo entre as experiências que vivemos e as que desejamos viver ou, ainda, que os outros esperam que estejamos experimentando. O livro busca expor e desmontar alguns desses mitos que nos são vendidos sobre sexo, sexualidade, desejo e relacionamentos.

Ele foi escrito a partir de uma pesquisa aprofundada nas vidas sexuais de mais de 200 pessoas, uma amostra pequena que precisa ser compreendida em suas limitações que, entretanto, não diminuem o valor e importância da iniciativa. Os entrevistados são jovens adultos dos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Reino Unido. São homossexuais, heterossexuais, assexuais, monogâmicos, poliamorosos, cisgêneros, transgêneros, de diversas etnias, sexualmente ativos ou não. É válido notar que não há menção à religião dos entrevistados nem depoimentos de pessoas que são pais ou mães. Hills traz uma visão, portanto, de jovens com acesso à tecnologia, escolarizados e moradores de países do chamado "primeiro mundo" ocidental e isso precisa ser lembrado durante toda a leitura.

As motivações da jornalista para escrever a obra foram pessoais, impulsionadas por suas próprias crenças em relação à sexualidade e pela insegurança que sentia ao permanecer virgem na faculdade. Seu texto é acessível, objetivo e de fácil leitura e alterna dados acadêmicos e pesqui-

sas com depoimentos reais de pessoas cotidianas que evidenciam, na prática, como as ideias sobre sexo estão construídas na cultura e no inconsciente coletivo.

Fazer a análise do ponto de vista sociológico e cultural é uma escolha que fica clara quando ela pontua que

sexo é um ato intimamente relacionado com o corpo, mas a forma como cada um de nós o experiencia é motivada por mais do que apenas biologia. Tudo sobre sexo – das histórias que escolhemos compartilhar com nossos amigos até as pessoas com quem escolhemos fazê-lo –, passando pelo notavelmente padronizado código de condutas sexuais que começa com beijos, passa por toques e finalmente termina na penetração – é influenciado por forças sociais e culturais. Sexo não é apenas físico, mas também simbólico. (p.3)

A ideia central do "Mito Sexual" que permeia toda a obra e dá título a ela é a de que o sexo guarda a verdade sobre quem uma pessoa realmente é. Para evidenciar isso, ela mostra a dicotomia com que a sociedade lida com ele: ao mesmo tempo em que é vendido em praticamente todos os materiais publicitários e midiáticos, também continua a ser recriminado, escondido e visto como algo que deve permanecer no quarto escuro dos tabus.

A autora frisa o que chama de primeira "camada" do mito como a mais óbvia: o bombardeamento constante na mídia de mensagens que levam todos a crer como somos, como sociedade, especificamente no mundo Ocidental, cada vez mais liberais, confiantes e autênticos em re-

¹Jornalista pela Faculdade Cásper Líbero. Pós-graduanda em Educação em Sexualidade pelo Centro Universitário Salesiano (Unisal). E-mail: Impstoppa@gmail.com

lação à sexualidade. A segunda camada, menos óbvia, seria referente aos valores sociais e culturais ligados à atividade sexual, que nos levam a crer que ela é um das “segredos” determinantes da nossa personalidade. A hiperssexualização da cultura somada ao entendimento do sexo como algo muito especial gera, entre outras coisas, o sentimento de inadequação naqueles que se enxergam fora do espectro do que é considerado normal, desejável ou esperado.

A obra desenrola-se por capítulos cujos temas são a liberdade sexual e seu real significado, o entendimento da atividade sexual em si, as concepções de normal e anormal dentro dos contextos culturais, a importância do desejo e sua origem, a construção da masculinidade e o modo como lidamos com ela, os complexos na formação da identidade feminina e o que significa ser mulher, as questões relacionadas à performance sexual e por que muito de tudo isso nos foi incutido de maneiras equivocadas.

O primeiro capítulo fala sobre liberdade sexual, os conflitos entre gerações e a maneira como cada uma delas encara a sexualidade e sobre como é fácil para os mais velhos acreditarem que os mais novos são mais rebeldes, liberais e, por isso, estão fazendo mais sexo – o que as pesquisas demonstram não ser verdade.

A ideia de que “sexo é um ato como nenhum outro” dá título ao segundo capítulo, que se dedica às construções sociais ocidentais ao redor da atividade sexual e sobre aspectos científicos que nos levam a compreender o sexo em todo o seu poder. Uma das maiores consequências da atividade sexual entre um macho e uma fêmea é, afinal de contas, gerar uma nova vida, o que possui um impacto além do simbólico e das consequências como o prazer físico e a potente liberação de hormônios como ocitocina, dopamina e testosterona. É mais acessível e compreensível para a maioria das pessoas civilizar e socializar comportamentos como o modo como nos vestimos ou nos alimentamos, mas a atividade sexual muitas vezes é encarada como apenas biológica e instintiva.

Em muitos momentos durante a vida, podemos nos perguntar se somos “normais”. Essa é uma dúvida legítima e difícil de ser respondida, e o terceiro capítulo dedica-se a esmiuçar o que é considerado ou não normal dentro de determinados contextos, sociedade e tempo histórico. Já durante o quarto capítulo, Hills investiga a origem do desejo, sua importância na vida de cada um e como ele ajuda a formar o entendimento social

do que e de quem é ou não atraente. Ela pontua que, durante a pesquisa para o livro, notou que as pessoas que eram mais confiantes não eram necessariamente as mais convencionalmente atraentes – ou seja, as mais inseridas no padrão de beleza ditado pela cultura popular –, mas sim as que haviam tido experiências afetivas e sexuais positivas. Do contrário, sentiam-se indesejáveis e rejeitadas.

Os capítulos quinto e sexto dedicam-se à análise da construção e do reforço dos ideais binários de masculinidade e feminilidade ao longo do tempo e como eles são reiterados nas interações sociais. Para tanto, a autora dirige a leitura num sentido quase como de conto, ao relatar as experiências de estudantes de universidades americanas. Quando contrapostas e examinadas com cuidado, as histórias evidenciam os estereótipos relacionados com esses papéis que foram criados e distribuídos de acordo com a genitália com que cada um nasceu.

A conclusão do resultado que as mensagens mistas estão produzindo é parecida tanto para garotos quanto para garotas: não é justo e nem mesmo eficiente que as possibilidades de exercer a sexualidade sejam colocadas em dualismos como “puritanos” e “liberais”. Pelo contrário, a possibilidade de dizer “não” e de não fazer sexo também é uma atitude de empoderamento quando está alinhada com os reais desejos do indivíduo, assim como a de fazer quanto sexo se desejar se essa for uma vontade autêntica.

Adiante, fala-se de performance: o Mito Sexual não se baseia tão somente na quantidade de sexo que se tem, mas também no modo como ele é feito. Esse é o tema do sétimo capítulo, intitulado “Use ou perca: o prêmio da performance”. A importância dada à performance é a responsável por consequências como fingimento de orgasmos, “agendamento” de momentos para o sexo por “obrigação”, preocupação excessiva com a frequência sexual e adesão a práticas que podem não ser da preferência da pessoa.

Em sua tentativa de “expor os blocos sobre os quais nossas suposições sobre sexo estão construídas”, a autora provoca reflexão por parte de quem a lê de pensar também sobre sua vida sexual e sobre seus desejos. Por isso, no oitavo capítulo, ela explica “por que entendemos tudo errado”, com o objetivo de enfatizar que uma pessoa não é sua vida sexual nem deve se deixar definir pelo que faz ou não na cama – ou no hotel, ou no parque.

É claro que é mais fácil falar do que fazer.

Compreender que o retratado na mídia não é a realidade e que a vida sexual dos outros não é tão aventureira quanto possamos pensar é uma coisa, mas não se chatear quando seu perfil no Tinder, Happn ou outro aplicativo não tem tantos likes quanto o de um amigo ou amiga é outra coisa bem diferente. Saber que tudo bem não fazer tanto sexo com sua parceria é racional, mas é uma resposta emocional natural frustrar-se ao perceber que a outra pessoa “não está tão a fim” em determinado dia – ou durante vários deles – e que vocês possuem diferentes níveis de desejo sexual.

Vivemos em um mundo que fala sobre e vende sexo a todo o momento, mas não cria diálogos sobre sexualidade. Em qualquer bar, rodas de amigos discutem o tema sem, verdadeiramente, se abrir sobre ele. É muito fácil inferir sobre as vidas sexuais alheias. Bem mais desafiador é começar a se questionar sobre os próprios limites e vontades em sua vida íntima e relacionamentos. Esse pode ser um começo para desmanchar os mitos sexuais que povoam nosso imaginário.

O Mito Sexual, conclui a autora, é uma falácia que alimenta inseguranças e mantém muitos se sentindo culpados, inadequados, disfuncionais e com vergonha de seus corpos, desejos e atitudes. Conversas honestas e medidas eficazes em relação ao sexo precisam existir se quisermos viver em sociedades mais justas, confiantes e que consigam se comunicar com naturalidade sobre um tema que faz parte da vida de todos, mesmo dos que não o praticam.

Com base nesse livro, é possível deduzir que parte da grande frustração gerada pelo assunto tem origem na distância entre realidade e expectativas, sejam elas do próprio indivíduo ou do grupo social em que ele está inserido. A construção de um diálogo mais franco pode contribuir para um contexto mais inclusivo. A leitura é essencial para todos aqueles que buscam questionar as próprias crenças em relação ao que lhes foi ensinado sobre sexo e sexualidade e desejam ser parte da construção de sociedades verdadeiramente livres sexualmente, no sentido de não hipersexualizar nem recriminar as escolhas sexuais de cada um de seus integrantes quando são eles adultos conscientes agindo com consentimento e respeito à vida.

A perpetuação dos mitos sexuais contribui com atitudes como a homofobia, o *slut-shaming* (julgar ou mesmo humilhar uma pessoa que possui grande número de parcerias sexuais), a ansiedade em relação à performance e alimenta

crenças como achar que a vida sexual dos outros é sempre melhor que a sua. Tanto a repressão quanto a supervalorização do sexo produzem o mesmo resultado: a ideia de que é impossível atingir um ideal, seja ele qual for.

É fácil ser pessimista perante tantas denúncias de assédio, notícias de preconceito e tentativas governamentais de cerceamento dos direitos ao próprio corpo, além de leis em muitos países ainda proibirem, por exemplo, a homossexualidade ao não a compreenderem como orientação sexual e sim como uma conduta que deve ser recriminada. Difícil é manter uma visão esperançosa que considera iniciativas de livros como essas oportunidades para a construção de diálogo e de propostas efetivas.

As normas existem não apenas para excluir os que não se enquadram nelas, mas também para validar os que se encaixam. Enquanto o sexo for tanto uma fonte de liberação e prazer quanto algo que é reprimido e condenado, é provável que continuemos a perpetuar os mitos sexuais e busquemos nos encaixar nas condutas que nos foram impostas. Temos um desafio como sociedade que só poderá resultar em vitória coletiva quando superarmos a dificuldade de falar, abertamente, sobre nossas inseguranças. E isso requer uma coragem que só pode ser construída em conjunto.

Laura Stoppa,
jornalista pela Faculdade Cásper Líbero e
pós-graduanda em Educação Sexual (UNISAL)